

## Ligeira notícia sobre os cadernos de António Nobre

Piedosamente como sentido - o presente na sua hipersensibilidade, infinitamente aumentada ainda pelos dedos subtilizadores da Morte, eu abro, leio e releio os cadernos do Poeta.

Elegantes como cadernos de sonhadora **miss**, adelgada e grácil, eles ficam em meus ouvidos a rezar o seu rosário, de pérolas, lágrimas, tonturas de sol, evanescências de luar, murmúrios da fonte e do regato, clamores do oceano e do vento, perfumes rústicos de alfazema e cravo, sonoridades brônzeas, gritos da luz meridiana e sombras do crepúsculo, rancho de raparigas cantando a epopeia agrícola da Terra...

A meu lado ergue-se o perfil esguio do Poeta, e, no mistério da Noite profunda, as estrelas incontáveis dardejam, de além dos séculos, suas mudas interrogações.

Sinto-o presente e não o posso ver.

?Jamais poderemos ver aqueles que mais a dentro de nossa alma moram e nunca de olhos terrenos visionamos?

Uns braços amigos de irmão eu conheço que o amparam na grande "Despedida,, e olho esses braços e não posso ver o fulgor de divindade e mistério, em que, por virtude do amor fraterno, dolorosamente mergulharam.

Só vemos o exterior das cousas, a dor com que nos gritam o seu individualismo, ? mas que não sonhadas forças de simpatia e bondade seriam precisas para atravessar, e destruir a separatividade das almas?

Vós, almas eleitas, perdoai a nossa cegueira, quando não penetramos no episódio a parcela de eternidade com que o vivestes.

E os seus cadernos lembram os túmulos egípcios: sob a vida de superfície, camadas e camadas de vidas, que se foram em busca da eternidade...

O Drama da Existência, eis o que interessa nas almas, eis o que interessa às almas.

Estes cadernos são memórias, o esforço duma alma para *fixar*, dar corpo de eternidade à exígua vida transitória, que, em nós e à nossa roda, incessantemente foge.

Uma larga folha de plátano (já morto em companhia do Poeta, ainda vivo?) estilizada de recordações, nomes que passam e por cima a letra do Poeta falando—"Vida Humana,,.

Relâmpagos de eternidade atravessam os hierogolifos dos cadernos, chispam das folhas mortas, e como em noites de Agosto, estrelas e estrelas sulcam a amplidão que nos envolve. ..

## A MORTE

Atravessando uma página, e na sua margem externa, lê-se a palavra Morte.

Numa página ilustrada com um auto-retrato e um berço de Antó lê-se:

"Não quero ser fechado no caixão, porque tenho medo de abafar (aos 5 annos, intuição da immortalidade),,.

Noutra página a concepção trágica e poética: "(o poço) o esquecimento,,.

Esquecimento, verdadeira morte de nossa experiência, aquela que diariamente morremos; a consciência onde o universo se revela e toma sentido a apagar-se e tudo são trevas... as trevas dum poço sem fundo.

(?Quem o atravessará para o novo Céu?

Mais além:

"A terra tudo come: condes, excelências, poetas líricos, philosophos, etc. Reis, poetas e Christos,,.'

A viva presença da Morte, companheira do poeta, mordendo e desgastando a vaidade de títulos e glórias. E mais longe:

"Grande Poesia. Contar o desespero do não-aniquilamento. Ha outra vida?

Mas a matéria? Sempre, Sempre! (Nunca o socego, o silencio, o esquecimento),,,

Tonalidade emotiva do sofrimento, tecendo o Universo do cansaço da existência... Crise búdica.

Depois:

"Vasco da Gama que voltas dá no seu leito sem poder dormir,,,

Audácia, aventura, remorso (?), o sonho infinito da raça... O mar canalizado para a cova dum túmulo e não cabe, não pode aquietar-se, é maré que se rasgará um leito, afundando a cova até novos astros...

A seguir:

"Lapide.

Mandou gravar em bronze que pregou nas árvores do jardim sonetos de Anthero, versos do Ecclesiastes, scismas do Bernardim que, às noites ia ler, passeiando-se e quedando-se aqui e além,,,

Visão do seu fantasma, passeiando evocações no grande Oceano da Memória... E aqui:

"Mas Deus, um dia, vos fará pagar. Podeis estar certos que ha uma outra vida ó desgraçados.

Juro-vos. Tudo será pelo melhor. Os poetas têm o sexto sentido: elles vem au delá do A. N. (¹)(?). São os enviados de Deus,,,

Optimismo radical - tudo será pelo melhor—  
abandono

(1) A interrogação é nossa. É quasi ilegível; parece, com efeito, A. N. Será? Seria o Poeta vendo para além do homem ?

no seio divino. O Poeta é o grande Iniciado da Dôr, a poesia a percepção espiritual das coisas... E mais:

" Onde estão Camillo, João de Deus St.º Anthero do Quental,,?

Raios de luz divina que nos levam os olhos sem que no Infinito encontrem o Sol que os envia... Por fim:

"Vizita aos Prazeres: ora - quem cala consente,,.

Sarcasmo, abandono, transcendente humildade, religiosa aceitação.

Se pensamos num cemitério com as nossas exigências naturalistas parece-nos que ele deveria ser um clamor de protestos e súplicas e o Grande Repouso que lá mora é a resposta do Nada às nossas exigências.

Clamamos contra a Morte, quando ela de longe nos ronda a porta; mas, ao aproximar-se, é como folhas secas, que, de nossos lábios, amarelecida e morta, á última palavra cai...

Mas esse Repouso anima-se do brando carinho dum sono amigo para esquecimento das dores que nos torturavam, e é regaço do nosso abandono...

E agora o Silêncio infinito dos cemitérios é um grande Oceano de Repouso, sem margem e sem fundo, é já o imenso silêncio dos espaços onde vogam os turbilhões dos mundos.

Foi bom, foi doce, agora é grande, excitador, formidável, condensação de energias infinitas, mais vivo, o único vivo, a grande Luz e Vida de que a nossa é a sombra meridiana quási nula, a fugitiva morte do Instante.,.

A morte é uma grande estrada de luz, perdendo-se no inacessível clarão da Altura, romaria de almas, rio luminoso e ntante, sumindo-se no branco derramamento dum sol incorpóreo

E as *Suas* virgens, ao sol poente cantando, são já harmoniosas alvuras pelo Espaço...

## VERSOS E FRAGMENTOS

"Ai que tristeza a dos sinos Ai  
enterros de meninos Com mães  
em volta a chorar

Ai o clamor das aldeias... „

O Poeta fixa o grande quadro da dor Humana. Ao homem vulgar só interessa a expressão dolorosa como manifestação dum sofrimento pessoal, que, por conexões ancestrais, se acalma, revelando-se.

O Poeta pressente a Dor como função religiosa.

Se religião é união, sendo efectivamente "a Dor que abre todas as portas ao vendável do Mistério, é ela o grande abraço unificador, penetração de almas embebidas dos mesmos sonhos.

E a dor das Mães sendo a mais pura, imaculada e branca é coluna de mirra, espreado-se em clamor pela branca aldeia, subindo nostálgica ao Espaço Imenso.

"Quando eu era moça e menina  
A, i, o, ai!  
Um velho, um dia, leu-me a sina. Ha  
que tempos que isso la vae! A, i, o,  
ai!

E na tarde da minha boda  
Houve baile, houve baile, olé! E  
tomou parte a aldeia toda E vá  
de roda e vá de roda! Olé!

Os trovadores, D. Diniz, a sina, o Destino, visão popular indestrutível (e velha como o mundo) da continuidade moral, do curto relâmpago que é a vida terrestre da consciência,... o Karma do Velho Oriente, boémios, errantes alastrando na Europa os segredos da Kabala...

E a voz que canta vem do Passado (Há que tempos...  
houve baile...) Passado Remoto até ao horizonte onde se  
esconde e some a Memória em crepúsculo indistinto,  
penumbra etérea a morrer, a morrer..., até à Noite pro-  
funda, onde, mais remotos ainda, vagarosamente, abrindo as  
pálpebras, despertam astros...

“...que nos partistes  
Nestes montes tão ermos e tão tristes,  
Cheira a pinheiros, cheira a Portugal!

*St. Joahm-am-Platz,,*

Camões; Natércia (que vos partistes), Anto vagabundo,  
Pinheiros, Saudade, Portugal!

"FREI GIL DE SANTARÉM,

Era uma vez fr. Gil de Santarém,  
Nesta nobre nação de Portugal  
Doutor em magia etc. — (astrologia)

Que somos nós bacharéis de rastros  
Que bela a sua formatura em Astros!,,

Notas de um livro a fazer. Magia, astrologia, o mundo  
visível parte superficial da alga que no Oceano Imenso  
mergulha o grande corpo invisível. O barro planetária do  
homem é fluídica poeira cósmica que, de longe, os astros  
comovem das grandes marés do Destino...

"Ó agoas dos meus olhos sem fortuna!  
Correi! Correi!

*Nova-York, junho 1897.,, '*

Correi; fluindo dos olhos de Heraclito, sois as lagri-  
mas de Bernardim...

"Vacca mocinha que me dás o leite...

*Genebra, Junho 1896.,,*

Transfusão panteística da Vida, vida forte, *nova* e boa,  
generosa, ingénua.

Envolvendo as Cartas devolvidas ao primeiro namoro:

"Cândido e nobre, como poucas veses, Foi  
este Amôr que nos seus olhos puz... Durou  
o tempo certo — nove mezes —  
Mas foi estéril: nada deu á luz!,,

*Leça 6 Novembro, 1886.*

A ironia desgastando a primeira desilusão.  
O Poeta *brinca* com a Dôr, Napoleão brincava às  
guerras...

"Ó lua! tu foste contemporânea de Jesus Christo, Vir-  
gílio, Camões. Tróia,,.

Tudo transita e os astros contemplam impassíveis a  
erosão do tempo.

Também eles irão no irreparável fluxo...

"O sofrimento também tem luas de mel,,.

Andamos de bem com as nossas dores?!

Só quando lhe somos *desleais* se perturba a lua de mel.

. "Os melhores poetas portugueses:

Gil Vicente, Fr. Agostinho da Cruz, Sá de Miranda, Luiz  
de Camões, Bocage, Garret, Anthero de Quental, João de Deus,  
António Nobre (desejal-o-ia ser),,.

Os nomes estão escritos com letra grande, a nota que  
segue o nome do Poeta é escrita em letra, muito miúda.

Ingenuidade. O Poeta revê a sua heráldica, escolhe, dupli-  
ca-se de pudor e cora: a nota do parêntese é o rubor das  
suas faces.

"Lua, menina e moça do céu. Espera por mim lá com  
Bernardim Ribeiro,,.

Lua, sol reflectido, luz desprendida e liberta, ausente do  
seu Sol; saudade, luz das almas ausentes, o sinal dum lenço —  
despedida de alguém que já se não vê, incoercível, mal adi-:  
viahada onnipresença espiritual...

«Viajei em Cruz no Planeta (no Oceano)».

O pensamento completo é criador, a palavra é semente, que, ao morrer, rasga a terra e sobe à luz em caule.

Falar é desenhar no espaço certas formas geométricas, uma palavra que encontra *ressonância* pode abalar e destruir montanhas.

O próprio éter se *comove* e a experiência mostra que as palavras se acrescentam de formas luminosas, visíveis para certos olhos, reveláveis por apropriados reagentes.

A psicologia das multidões, sob a palavra dos guias, é incompreensível sem a força criadora do verbo.

A geometria das interferências sonoras é um capítulo do Génesis.

O Poeta foi o Verbo da Dor, a sua viagem foi uma Cruz no grande Mar, salgado das lágrimas do Planeta.

«Pobre andorinha sem Egypto».

O Abandono, Virgem sem maternal regaço.

O Isolamento por entre os homens —o mais terrível de todos os isolamentos, andorinha que bate as asas de encontro ao gelo duma atmosfera que não pode transpor porque tudo é frio, gelada estepa sem fim...

?Homens, homens, onde o seio maternal de Deus?... .

Pérolas e pérolas sem conta...

Os seus cadernos estão cheios de notas e documentos, que bem provando esforço do Poeta para mergulhar na dolorosa realidade. Eles mostram que as suas flores são a elaboração perfumada e luminosa das trevas inferiores em que pelas raízes mergulham.

São listas de todos os toques dos sinos, jornais da época transcrevendo notícias que ao Poeta servem (...Mousinho de Albuquerque comunicou que nos campos de Chaimite os corvos aos bandos atacaram durante dias os cadáveres insepultos...), listas de flores, de vegetais, análises das suas psicoses.(no meio dos seus sonhos, evocações lembrando pequenas singularidades: o café com leite, uma prima Carolina, etc),

conselhos amigos e proféticos (*não creias nos jornais, nem tios literatos*), a lista dos médicos que consultou (26), listas das terras suas conhecidas, etc., etc.

O estudo das ciências naturais preocupava-o muito, as questões da sociologia dão-lhe grandes palavras de simpatia pelo socialismo, logo temperadas pelo receio dos seus possíveis excessos materialistas: os sinos fundidos para utilidades.

Dramas começados, um encontro com Goethe que lhe diz "socego, socego meu rapaz,,.

Títulos de livros (*A Alegria*, título dum livro a fazer), notas de viagem, cartas cheias de ternuras, saudade do lar, enternecimento pela família, de transcendente e *pacificada* bondade.

Ao lado da elaboração consciente que dirige e *documenta* o trabalho, nós vemos ressaltar as profundas analogias que o subconsciente guarda, e *dá aos poetas* o imenso escrínio das suas jóias.

Um perfume vago é, por vezes, o que resta em tonalidade emotiva de toda uma tarde misteriosa da nossa infância.

E hoje ao passarmos num caminho ergue-se dentro em nós a *Aparição de uma outra Vida* porque o mesmo perfume fez maré viva nas águas profundas da nossa memória.

A resina do Pinheiro é todo o Portugal e ? onde estão as laranjeiras cercando a casa branca, que são para mim toda a Beleza e frescura e inocência da vida campestre?

A subtilidade das analogias libertando a Memória faz com que um Poeta tome o grão de areia c nele condense todo o brilho dos céus.

A condensação emotiva reúne num ponto de encontro todos os caminheiros amigos que de pontos longínquos da alma acorrem.

"Pobre andorinha sem Egypto", eis o cruzamento de todas as ternuras, virgindades aladas; eis o nosso próprio coração feito Egipto para as andorinhas sem lar.

É por isso que a arte purifica e cria.

Goethe expurgou-se do pecado do suicídio escrevendo o Werther. As psicoses subscientes actualizam-se na obra, purificando o autor e o leitor *sintonizado*.

As criações artísticas são realidades que, ficando a viver de vida própria, reagem sobre os seres que as convivem.

António Nobre *via* sentar-se-lhe na cama urna *Velha*, que o obrigava a tossir.

A sua *Velha*, carregada dos horrores da morte, vingava-

-se e só os outros filhos do optimismo radical do Poeta o salvavam daqueles opressivos abraços.

E todos nós, na aldeia, temos ouvido em tardes de Agosto o coro das suas virgens, cantando a seara, o vinho, a formosura, o luar...

Há sonetos de António Nobre que condensam no éter manchas de mar e céu, azul e sempre azul; o soneto camoneano de Natércia (alma minha gentil) é violeta, violeta esmorecendo ...

Feita a condensação, o pensamento procura a forma. Vejamos um exemplo de plasticização do seu pensamento.

O pensamento é uma realidade excedente, realiza-se em palavras que são actos; mas jamais as palavras o exgotam ou completamente traduzem.

Um dos mais belos sonetos portugueses "Ao Cahir das Folhas,, aparece com as duas formas que vamos dar, mostrando o progresso de pensamento a realizar-se, como vaso elástico que se fosse enchendo e *informando*.

Podessem suas mãos cobrir mo rosto  
me os  
Fechar- meus olhos e compor-me o leito  
Sequinho as mãos em cruz no peito,  
Quando eu me for nalgum esquite estreito  
Eu me a para o  
Quando for viajar, pelo Sol-posto.

De modo que me faça. bom encosto, A  
travessera comporá com geito E eu tão  
feliz! por não estar affeito,  
(ato ?)  
Hei de sorrir, Senhor ! quási com gosto !

Até com gosto, sim ! que faz quem vive  
Orfão de mimos, viuvo de esperanças  
Solteiro de venturas que não tive !

Assim irei dormir com as crianças,  
Ainda puro, quási sem peccados E  
*acabarão assim* os meus cuidados.

Podessem suas mãos cobrir meu rosto,  
 Fechar-me os olhos e compor-me o leito,  
 Quando sequinho, as mãos em cruz no peito,  
 Eu me for a viajar para o Sol-posto.

De modo que me faça bom encosto *O*  
*travesseiro* comporá com geito ! E então  
 feliz! por não estar affeito, Hei de sorrir,  
 Senhor! quási com gosto.

Até com gosto, sim ! Que faz quem vive  
 Orpham de mimos, viuvo de Esperança  
 Solteiro de venturas, que não tive ?

Assim irei dormir com as crianças  
 Quasi como elas  
 Ainda como elas  
 Ainda puro, quási sem peccados... E  
*acabarão emfiin* os meus cuidados.

Oct. 1895.

O pensamento precede, hesita e talha a palavra.  
 O verso "Quando eu me for nalgum esquite estreito,,  
 é substituído por este outro:

"Quando sequinho as mãos em cruz no peito,,

Há evidentemente uma precipitação do pensamento na  
 principal direcção da *Ida* (eu me for), o esquite é secundário  
 e vem inconscientemente.

Mas o pensamento demora-se no verso e levanta-se a  
 visão mais trágica e viva do seu próprio cadáver, que é *eu*  
 pedindo repouso e sustentando a luta, .o drama da Morte.

O verso corrige-se e Anto (não o esquite) vai (eu me  
 for) *para* o Sol-posto e com um destino de Repouso e não  
 sem destino errando *pelo* Sol-posto.

(até?)

"Heide sorrir Senhor! quasi com gosto!,,

O determinismo fixo do pensamento pensa aquele *até*  
 substituindo o *quási*, mas o sentimento de continuidade não

abandonou o Poeta e ele deixa o *quási*, que, crescendo, se vai absolutizar no *até* do verso seguinte.

No último verso hesita em escrever "assim acabarão,, ou «acabarão assim»; a segunda expressão é mais pronta, mais no determinismo do pensamento, a primeira é mais livre e contínua; mas só na forma definitiva o Poeta encontra o fecho dessa continuidade naquele *enfim* em vez de *assim*.

No penúltimo verso a expressão "ainda puro,, é substituível por "ainda como elas,, e "quási como elas,, ficando na forma definitiva o *quási* que permite ao Poeta guardar a sua experiência dolorosa, a sua Consciência poética na *quási* virgindade infantil.

O esforço para a Consciência e da consciência para a forma é duma comovedora beleza nos seus versos infantis.

Que os nossos olhos religiosamente os contemplem e a nossa palavra deles possa religiosamente falar!

(*Continua*).

LEONARDO COIMBRA.